

Abril 1955

53

# Homem e Mundo

## A FUGA PELA HISTORIA

De EVARISTO DE MORAIS FILHO

OS fatos da história só valem quando trazem em si mesmos e na sua valorização elementos que possam servir para explicar a razão de ser dos fatos presentes, quando servem de justificativas para o que aconteceu depois. Tirou disso, é quase que mero passatempo, de leitura vã de altarrábio, de rebusca inútil de papel velho. Em outras palavras, o que interessa ao sentido entranhadamente humano da hora atual é a história interpretativa, que conclui, que aponta uma direção, que auxilia a achar um caminho para o futuro, e não aquela tradicional história simplesmente episódica, narrativa, de detalhes perdidos e minuciosos, que se confunde em si mesma, com ourivesaria de excessivos relevos ornamentais. E, sem dúvida alguma, são ainda bem raros os livros que se publicaram neste País guiados por um princípio informativo doutrinar e amplo. Na maioria das vezes, entregam-se os seus autores ao dia-a-dia dos documentos rebuscados, limitando-se a apresentá-los ao leitor tais como foram por eles achados. Reduz-se assim o seu papel a simples aparelhos mecânicos de revelação, como alguém que vai apanhando as pedrinhas que encontra ao longo da estrada e se surpreende ao bater com o pé em alguma coisa que lhe pareceu um brilhante. E às vezes não é.

Falando em linguagem clara, o que está havendo é o seguinte: entrega-se a grande maioria dos nossos escritores às atividades históricas, deixando de lado, quase que em completo abandono, os estudos de sociologia. E aí é que está o perigo. Com esse excesso de voltas sobre si mesmo, com os olhos permanentemente virados para trás, estamos arriscando a urgente e necessária compreensão do Brasil de nossos dias. Como exuberantemente já o demonstrou Leopoldo von Wiese, o notável chefe da "escola das relações sociais", não basta a simples enumeração dos fatos históricos para que daí se possa extrair alguma conclusão de índole sociológica. A história, como é sabido por todos — e sobre isso muito se demoraram Rickert e Windelband no princípio deste século — só se interessa pelos casos isolados, únicos em seu acontecer, que se individualizam por isso mesmo. Nem a própria filosofia da história pode substituir a sociologia, os seus quadros não coincidem exatamente. Podem se tocar, mas não se sobrepõem linha por linha. Em verdade, a sociologia sistemática tem em vista o estudo dos fatos sociais e das relações entre os homens no momento exato em que os mesmos estão sendo observados. Há como que uma parada no tempo e no espaço, isolando-se bem nitidamente aquilo que vai ser analisado. Assim, muito pouco pode servir a matéria histórica, bruta, à compreensão exata dos estudos sociológicos.

E é justamente esse o perigo do historicismo, que acarreta sempre em seu bôjo um acentuado sentimento de romantismo e de nacionalismo, denunciadores, por sua vez, de atitudes subjetivas, quer sob o ponto de vista individual, quer sob o social. Muitas vezes, fazem os indivíduos da história como que um escudo para os problemas que os cercam por todos os lados. Representa a sua atitude uma autêntica e vergonhosa fuga em face da realidade atual. Se os assoberbam as tremendas questões econômicas, sociais e políticas do seu tempo, nada mais simples do que fugir para o passado. Trancam-se em arquivos e bibliotecas, até onde não cheguem o ruído e o ceileuma dos homens de carne e osso, e começam a se deleitar liricamente com a vidinha bem comportada de sujeitos que já passaram também por aqui. Sentem-se muito mais à vontade, tranquilos e sossegados, entre coisas já arrumadas, sem movimento e sem imprevido. Não gostam e se espantam com as vozes dos homens que cruzam todos os caminhos da sociedade contemporânea, levando para diante os seus destinos também ainda em caminho, cheios de surpresas e de convites à compreensão. Mas os historiadores românticos preferem a fuga, escopam da realidade, com medo dessas vidas que passam pelas suas portas.